

Osman Lins e as tendências da arte contemporânea

Leonardo Monteiro Trotta¹

Introdução

Daí voltamos a cartografia. Com aqueles mapas imperfeitos, os navegantes chegavam sempre aonde desejavam. E quando se perdiam, sabiam que estavam perdidos. Isto dá o que pensar. Na verdade, um mapa, para ser exato, deveria ter as dimensões do país representado e então não serviria para mais nada. (LINS, 2005, p. 145)

A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação-mal fundada ou completamente arbitrária- estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito, mas totalmente insubmisso às solicitações habituais. As solicitações dessa série costumam ser catalogadas sob o termo de turismo, droga popular tão repugnante quanto o esporte ou as vendas a crédito. (DEBORD apud JACQUES, 2003, p. 24)

Este pequeno texto tem como objetivo estabelecer uma relação entre a obra do escritor pernambucano Osman Lins e as tendências das artes visuais pós-movimentos de vanguarda. Para isso estarei relacionando o grande livro *Avalovara*, lançado por Osman em 1973, com escritos de Guy Debord e da Internacional Situacionista; de Stewart Home e os manifestos neoístas; e pensamentos da arte contemporânea redigidos por artistas e críticos brasileiros. Ao estabelecer tais zonas de contato minha intenção é abrir uma possibilidade de discussão entre a obra de Osman; a sua viagem à Europa; os movimentos artísticos vigentes no período e posteriores. O ponto de partida é a série capitular de *Avalovara*, que leva o título de Roos e as cidades; uma das divisões estabelecida matematicamente por Osman Lins, e que, é dependente do mecanismo espiral-quadrado que é arcabouço para a construção do livro². Neste capítulo o enredo está concentrado no romance entre Abel, pernambucano, e Anneliese Roos, alemã do Vale do Reno. Os dois são estudantes da Aliança Francesa em Paris e uma paixão arrebatadora atinge Abel após alguns encontros que são regidos pela educação. Ele, casado, veio fugido da mulher para a Europa. Ela casada, com um marido arqueólogo enfermo, mantém uma distância germânica da paixão exótica latina. Os dois conversam num pobre francês, que em muitos trechos é um empecilho de comunicação. O comportamento de Abel nesta relação é o mote para o diálogo com as ideias situacionistas, neoístas e da arte contemporânea. Sua paixão desenfreada por Roos desperta a procura da Cidade, seu objetivo de escritor, que o levaria a grande obra que procura escrever³. Roos é a rota para a Cidade, no seu corpo está mapeado o destino de Abel. Que Europa é essa que não se desvenda para o nosso protagonista?

Talvez seja a mesma Europa que sem equívoco transforma de maneira marcante a escrita de Osman Lins. Osman começou a publicar artigos numa idade muito

prematura, e ainda muito jovem escreveu seu primeiro romance. A sua literatura até a viagem, esteve ligada principalmente a Graciliano Ramos e o seu teatro a Ariano Suassuna. Era um bom escritor, já reconhecido pela crítica e pelo público. Porém o salto qualitativo de sua literatura no seu retorno da Europa, não deixa dúvida que o velho continente exerceu uma forte influência no escritor, como comenta Regina Igel (1988, p. 56),

A primeira viagem de Lins à Europa se revelaria como um nítido marco divisor em sua produção literária. À margem desta qualificação, sua experiência europeia também teve um papel de influência em seu relacionamento familiar e seus planos para o futuro, a partir de sua volta para o Recife.

Foram essas influências que acrescentaram qualidade ao trabalho de Osman que são o motivo deste trabalho. O comportamento frenético de Abel no capítulo citado e a vivência de Osman Lins na Europa dialogam historicamente com o Movimento Situacionista liderado por Guy Debord e os caminhos subsequentes que surgiram deste movimento. O objetivo é analisar como o espaço urbano e a arquitetura das cidades europeias mexeram com nosso autor-protagonista. Como consequência é essencial debater a vivência do homem contemporâneo com o espaço urbano e a arte contemporânea que habita a cidade.

1. Osman, Abel e devaneios na Europa.

O capítulo Roos e as cidades é construído em vinte e uma partes crescentes. Como em toda a estrutura de Avalovara, não é linear a concepção do capítulo. Na verdade, seus três primeiros trechos são enunciados do que estaria por vir, sendo que os outros dezoito trechos seguem uma linha cronológica dos fatos. Do quarto trecho em diante, Abel apresenta Roos ao leitor, no vigésimo primeiro trecho ocorre a separação definitiva (Ou não?). A partir do passeio de nossas personagens ao Vale do Loire, Abel percebe a sua paixão e projeta em Roos o caminho para a Cidade que ele vira projetada na sua infância no Recife, como segue, “Quanto desejaria encontrar a Cidade cuja imagem aparece-me uma tarde, miniatural, vinda através de mares e estações, como o espectro de um pássaro ou de um antepassado! Será possível, entretanto reconhece-la?” (LINS, 2005, p. 89)

Sua busca torna-se frenética e assume caráter de desespero quando percebe que o corpo da amada é um mosaico de cidades, todas desabitadas. Abel entre os encontros e desencontros com Roos percorre uma grande quantidade de cidades europeias. Somadas às cidades do corpo de Roos, esse número se multiplica e a arquitetura e o espaço urbano dessas cidades exercem grande influência no comportamento de nossa personagem. Abel experimenta as cidades de uma forma atípica, fora dos padrões convencionais de experiência. Todas as suas atitudes refletem o resultado de uma vivência da personagem com o espaço que ela ocupa, este tipo de vivência pode ser ilustrado por Debord. (DEBORD apud JACQUES, 2003, p. 17)

A construção de situações será a realização contínua de um grande jogo deliberadamente escolhido: a passagem de um a outro desses cenários e desses conflitos em que os personagens de uma tragédia morrem em vinte e quatro horas. Mas o tempo de viver não faltará mais. Uma crítica do comportamento, um urbanismo influenciável, uma técnica de ambiências deve se unir a essa síntese, da qual conhecemos os primeiros princípios. É preciso reinventar em permanência a atração soberana que Charles Fourier chamava de livre jogo das paixões.

Seguindo a linha do pensamento de Debord, o comportamento de Abel se adequou à Teoria da Deriva. Esta teoria foi proposta pelos situacionistas baseada nos conhecimentos psicogeográficos e num comportamento lúdico, que torna a experiência do espaço urbano bem diferente do turismo tradicional. Sua relação com o espaço urbano produz uma vivência sempre inaugurante, algo que ainda não foi vivido. É algo tão intenso que extrapola os limites do cronológico. Nas quatro regiões⁴, em que deriva, sua vivência é marcada por fatos que paradoxalmente acontecem ao mesmo tempo, seja sua experiência em Amsterdã com Rembrandt e Van Gogh e ainda o espaço orgânico da cidade; seja na Itália com Galileu Galilei ou Leonardo da Vinci e a Torre de Pisa. Incitado por sua paixão por Roos e pela sua Cidade presentificada na memória, Abel está aberto à experiência do real redimensionando mapas e lugares. O que surge é uma nova divisão das cidades, uma ocupação que responde ao real, ao vivido,

A orientação realmente experimental da atividade situacionista consiste em estabelecer, a partir de desejos reconhecidos com maior ou menor clareza, um campo de atividade temporária favorável a esses desejos. Só o seu estabelecimento pode esclarecer os desejos primitivos e o aparecimento confuso de novos desejos cuja raiz material será a nova realidade constituída pelas construções situacionistas. (ibid, p. 82)

As palavras de Debord refletem o comportamento de Abel naquilo que eu chamei de quatro regiões. Na verdade, assumo aqui com riscos uma divisão do capítulo Roos e as cidades em quatro espaços psicogeográficos que podem ser apontados como elementos contribuintes do desespero de Abel. Ainda que o acaso tenha participação na Teoria da Deriva, existem elementos na psicogeografia que são inevitáveis na entrada ou na saída. Isso se alinha perfeitamente ao que, segundo nosso protagonista, são as causas que regem o capítulo, que são a teoria do diagrama e as leis pendulares.

O primeiro espaço seria a sua vivência na cidade de Amsterdã, o beijo em Roos, os artistas holandeses e ainda a invasão holandesa ao Recife. Importante perceber a atemporalidade da experiência. A visão que se tem é de um caleidoscópio ou ainda de uma pintura cubista. As imagens surgem para o leitor ao mesmo tempo. O segundo espaço seria a própria cidade de Paris, centro de pesquisa da Internacional Situacionista. Movimento esse que surgiu no ano de 1957, a partir de uma reunião da vanguarda europeia que aconteceu na cidade de Alba na Itália no ano de 1956. Como comenta Stewart Home (HOME, 2004, p. 68), “O encontro criou um acordo que formou a base para a unificação, em 1957, da Internacional Letrista com a Bauhaus Imaginista. Os grupos amalgamados adotaram o nome de Internacional Situacionista.”

Não por acaso Paris é o ponto de partida, de chegada e de intermitentes passagens de nossos personagens. Elementos medievais da cidade se misturam a motoqueiros transviados. Um concerto em Notre-Dame é acompanhado por um recital de buzinas de automóveis. Há novamente uma mistura de elementos atemporais, que estabelecem uma nova possibilidade de experiências para Abel. Importante perceber a abertura de nossa personagem para tais experiências. Abel é o cidadão utópico em busca do amor impossível no Paraíso:

Perlongo o boulevard Raspail e continuo andando, a esmo, só sabendo onde estou ao ler as placas-boulevard Saint-Jacques, place d'Italie, quai d'Austerlitz. Passa pouco das três, mas o céu encoberto faz parecer mais tarde, o vento fere-me os olhos e nem sequer a visão do Sena sob as pontes me acalma. Volto exausto e sem objetivo, um vácuo no estômago. (LINS, 2005, p. 113-114)

O terceiro espaço surge com as cidades italianas. O contato com a cultura do país de Dante e Leonardo somada à revelação do marido de Roos, leva Abel a uma árdua experiência da deriva. Ele é violentado pela experiência. O quarto espaço é a cidade de Londres, onde acontece o contato de Abel com a história da escrita. Talvez por acontecer num momento de fuga da sua desmesurada paixão, ao mesmo tempo em que conserva na memória os últimos momentos felizes de um surpreendente encontro, Londres para Abel é um momento de reflexão. É inegável o caráter inaugurante da vivência de Abel com a arquitetura e o espaço urbano. Sua relação é tão intensa que nada garante que ao passar pelo mesmo lugar duas vezes, ainda que ao mesmo tempo, o resultado será o mesmo:

Só consigo dizer – mas sem conexão com o resto- que vagam, no universo, fenômenos tão fugidios e silenciosos que não podem ser classificados e nem mesmo notados. (LINS, 2005, p. 122)

Impressionante a semelhança entre esse comentário de Osman Lins por Abel, e a ideia do físico e filósofo, Ludwig Boltzmann, grande inspirador de Einstein:

certas coisas não ocorrem, não por serem impossíveis, mas apenas por serem improváveis – e num grau tão inimaginavelmente improvável que, por exemplo, precisaríamos esperar por um tempo infinitamente maior que a idade de nosso Universo para que víssemos, a nossa frente, um ovo se ‘desquebrar’ espontaneamente. (DAHMEN, 2007, p. 41)

Ele percebe claramente que o espaço urbano é modificado (e também modificador) a cada momento. Cidades são acrescidas ou esfaceladas aleatoriamente. Cabe a quem vai efetuar a experiência compreender a dinâmica do processo, que foge as leis do equilíbrio⁵.

2. Abel, Galileu, a torre de Pisa e o pêndulo

Seguindo as indicações de Abel, o movimento do seu romance com Roos é pendular. A cada cidade-encontro há um recomeço. Num destes encontros, em Milão, há um novo início, uma nova tentativa de relação entre o pernambucano e o velho continente. Sua deriva pela Itália é alimentada pelo conhecimento do marido de Roos. Um arqueólogo, um estudioso do passado, se coloca entre eles. É diante da Torre de Pisa que ele percebe o acordo do romance com a birrefringência, que aprendera em Amsterdã e a que está destinado,

O que me prende é a sua explicação, concisa e ordenada, sobre birrefringência ou refração dupla, descoberta primeiro na calcita, especialmente no espató-de-islândia, mas verificável na maioria das pedras preciosas e em todas as cristalizadas nos sistemas triclinico, rômico e outros ainda. (LINS, 2005, p. 96)

Faz esta refração dupla, parte do esquema maquínico que rege Roos-Abel. Esta refração garante a claridade que emana de Roos ao mesmo tempo em que o leva a vidência. Para a tristeza de Abel essa birrefringência também assegura a ambiguidade de sua amada. Expõe assim uma realidade e seu espelho, sendo que obrigatoriamente Abel deriva pelos dois espaços. Como já foi dito dois são os aparelhos regentes da máquina citada acima: A lei do pêndulo e a Teoria do diagrama. É necessário destacar que são leis paradoxais. Uma segue uniforme, a outra deseja o acaso. Nos ocuparemos agora do que estou chamado de primeiro aparelho, a lei do pêndulo,

Os trabalhos de Galileu em mecânica foram vastos e marcantes de uma viragem na forma de analisar o comportamento físico dos objetos. A primeira das suas grandes descobertas veio a dar origem à Lei do Pêndulo. Esta se deu em 1581, durante uma cerimônia religiosa. Durante o decorrer do ritual Galileu começou a observar o lento balouçar de um candeeiro. Utilizando o pulsar do seu próprio coração como medida de tempo verificou que a frequência das idas e vindas do candeeiro seria constante. Confirmou as suas conclusões mais tarde construindo os seus próprios pêndulos. Repare-se que estão aqui dois aspectos importantes. Um primeiro é indiscutivelmente a descoberta da lei do pêndulo. Porém, um segundo, mas não menos importante, é o facto de esta ter partido da observação de um fenómeno em particular (o candeeiro na Igreja), quantificado por uma unidade matemática (o tempo entre duas pulsações), passando pela formulação de uma hipótese e sendo concluída com a experimentação para confirmar a hipótese. No fundo, todo o método científico moderno. (FERREIRA, 2007, p. 163)

Para o infortúnio de Abel, seu romance com Ross está escrito num movimento pendular. Como foi descrito acima, o movimento do pêndulo é uniforme, isento de aceleração. É fácil concluir que não existe a possibilidade de Abel ter Roos, porque quando cabe a ela a escolha do destino do romance, o movimento do pêndulo é de retorno. Por ironia o movimento incessante do pêndulo leva nosso casal a uma nova cidade, sendo as esperanças do incrédulo Abel, renovadas. No fundo entretanto, sabe ele que não é em Roos que terá acesso a cidade,

A vã caçada na Itália e os dias subsequentes fazem-me crer que não existe mais no mundo, com as suas três muralhas, incólume, a Cidade vista um dia (perto de mim e como situada à distância, pois não é muito maior que um vestido bordado a ouro e pedras, mergulha na água e some) e que portanto acabaram as minhas buscas. (LINS, 2005, p. 203)

Como consolo ao nosso bardo, vale lembrar que a lei do pêndulo saiu das batidas do coração de Galileu. Quem sabe o disparo do coração ao ver a amada, não acelere o pêndulo e seu destino seja outro?

3. Diagramas que garantam o Paraíso

Um diagrama sempre junta palavras e imagens, utilizando recursos gráficos para criar um dispositivo visual: linhas, formas, letras, palavras, símbolos, setas, pontos, planos, etc. são aplicados a uma superfície de modo a representar relacionamentos e propriedades de estruturas dadas. Todo diagrama propõe um tipo particular de espaço (matemático, topológico, sociológico, filosófico, psicológico, geográfico, biológico...), determinando uma temporalidade específica, de acordo com o processo que tenciona representar. (BASBAUM, 2007, p. 61)

Como já foi dito, o próprio Abel fornece os dados que formam o aparelho maquínico que regem seu destino com Roos. O perspicaz leitor de Avalovara percebe que esta é uma prática e Osman Lins. Em todos os capítulos do livro existe alguma espécie de maquinário, ainda que em certos momentos (ou quase todos) metafórico que ajuda a reger o romance. Maquinários-locais ou maquinários-capitulares que são derivados do grande arquétipo espiral-quadrado.

A utilização dos diagramas é o contraponto paradoxal que pode garantir a Abel o seu encontro com o Paraíso. A busca da Cidade nada mais é do que uma busca incessante pelo Paraíso. Na cabeça de nosso herói, esse encontro só se consumaria quando visse o corpo desnudo de Roos. Se por um lado, a lei pendular garante uma monotonia no

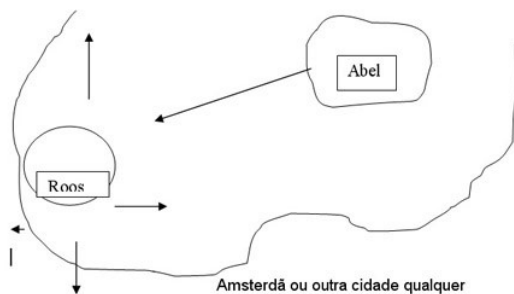
seu destino, o uso dos diagramas parece ser a válvula de escape que garanta uma entropia na relação.

Quando utilizamos um diagrama misturamos elementos visuais com elementos linguísticos e acreditamos que a partir disso se garanta uma possibilidade de experiência. Quando Charles Pierce, o inventor da semiótica, acrescenta o diagrama às suas teorias está aberto o campo para a especulação teórica. Segundo Basbaum (2007, p. 63-66), ainda que Pierce estabeleça uma relação triádica para o signo, e ainda que o diagrama derive das experiências possíveis do pensamento, ele ainda está preso a linguística como suporte da experiência do fenômeno. Desta forma o diagrama seria estático, previsível, linear e para desespero de Abel, constante! Quase um pêndulo.

Gostaríamos de pensar os diagramas como combinações visuais especiais envolvendo palavras e imagens, dotadas de um papel preciso: indicar o duplo movimento das forças do pensamento e da matéria, como um dispositivo para a produção de transformações. (ibid, p. 66)

É óbvio que se o diagrama funciona como descreve Pierce, o final de nosso herói já está traçado. Na verdade, colocado diante de Roos realmente está. Abel não ascende ao Paraíso por Roos. Mas que possibilidade de experiência, que possibilidade diagramática de deriva ficou faltando ao pernambucano? O que fez Abel ante o Paraíso?

O diagrama é formado no auge da vivência, com a proximidade de campos heterogêneos. Para estabelecermos um diagrama neste capítulo, vamos utilizar três elementos: Abel, Roos e as cidades. Seguindo a ótica de Pierce, os diagramas de Roos, Abel e as cidades (Amsterdã, Londres, Paris e cidades italianas) seriam os mesmos. Não importando a cidade em que estivessem, prevaleceria o estático, o pré-determinado:



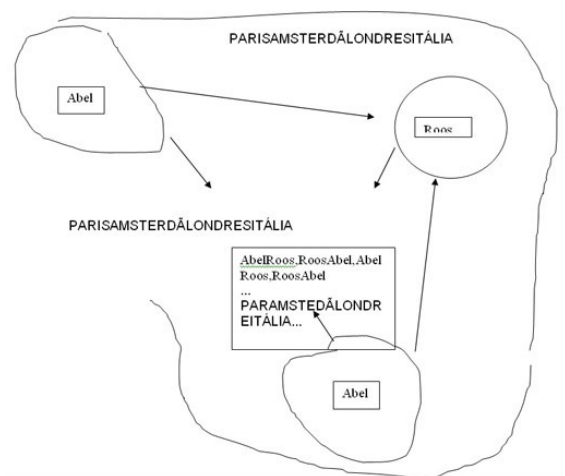
O que temos acima é um diagrama muito simples, estático e sem sustos. Vemos um Abel, propositalmente assimétrico, indo ao encontro de Roos, ela, também de propósito, com forma simétrica. O desfecho nós já sabemos.

Para criar uma nova possibilidade para Abel irei mudar o conceito diagramático. Ao invés do diagrama ser apenas uma demonstração do que está acontecendo, vamos trabalhar seguindo ainda Basbaum (2007, p. 69) com um diagrama com autonomia estética. O diagrama deixa de ser um modelo de apresentação e assume um caráter de apresentação. Nas se sabe onde o diagrama irá chegar. O diagrama está fora de equilíbrio⁶. Estando fora do equilíbrio surge a possibilidade para Abel. Este novo sistema na verdade não garante sobrevida a Abel, apenas o coloca no intrincado jogo das possibilidades,

Voltando-me, como faço, para a esquerda, e não para a direita, enveredo por uma das encruzilhadas possíveis do meu destino e enredo-me, de maneira

inapelável, as tramas da sua beleza- ou da sua magia. Escolheria, acaso, rumo diferente, ainda que o encontro com Roos me levasse à morte? (Lins, 2005, p. 46)

A coragem de Abel poderia ser recompensada se os três elementos heterogêneos: ele mesmo, sua amada e as cidades tivessem atingido o grau de proximidade máxima na vivência. Este seria o ponto que garantiria a abertura de seu destino. Talvez não estivesse concentrado só no corpo de Roos esse ponto máximo. Segue um esboço do diagrama possível:



Conclusão: Destino Inapelável? Greve da Arte!

No entanto, ao mesmo tempo em que os Neoístas depositam sua fé na filosofia prática, eles NÃO endossam o estudo da lógica da forma como ele é conduzido em universidades e outros institutos autoritários. A filosofia Neoísta será testada nas ruas, nos bares nas casas noturnas, e envolve a criação de uma cultura comunista- e não abstrações teóricas. (HOME, 2004, p. 45)

Esta experiência frustrante vivida na Europa quando Abel ainda tinha 28 anos, será decisiva. A mesma que foi para Osman Lins na mesma (ou seria outra?) Europa. Substitua aqui a frustração do primeiro pela fruição do segundo. O rumo que nosso personagem irá tomar nos seus próximos encontros amorosos, terá muita influência desse ato infecundo com a Europa, melhor seria dizer não-ato. Abel passa a ser um errante, assume plenamente o papel de artista estêreo diante do real, ele foge do equilíbrio, mas não fecunda. Sua filosofia é testada nos corpos femininos que irá experimentar. Entendendo Abel como reflexo do homem desiludido após a queda das vanguardas, que papel sobra para esse Abel ou, para o homem contemporâneo, sufocado pela Pós-modernidade? Não existiu nesses últimos 40 anos a possibilidade de fuga para o artista. Toda isenção segundo Home (2004.p.38) é um aceno a *Choose Alienation*. As primeiras vanguardas acabaram há bastante tempo e fracassaram na sua tentativa de mudar o mundo. Foram devoradas pelo faminto mercado da arte. Movimentos como o Neoísmo, a Associação Psicogeográfica de Londres e o Projeto Luther Blisset ⁷ não foram suficientes para uma tentativa de mudança. Ao artista contemporâneo resta assumir e dialogar diretamente com este mercado, como afirma Home (2004, p. 62), “Hoje não há nada pelo que esperar, a não ser o recebimento do próximo cheque da previdência social. A arte e a política radicais estão mortas”; ou colocar em prática o famoso e controverso plano de greve da arte também proposto em plágio por ele, que causou muita polêmica, como segue,

Parabéns por promoverem a causa do capitalismo! A inércia do capital avançado proletariza o capitalista primitivo. Os luddistas quebravam máquinas porque não queriam se tornar trabalhadores assalariados. Trabalho assalariado somente para os artistas! Viva os ricos! Todos os artistas para o trabalho exploratório! Que nenhum trabalhador seja dono de sua própria produção. Mensagem de Carl André ao comitê de Ação da Greve da Arte na Califórnia. (ibid, p. 93)

Ao Abel contemporâneo, ainda um perseguidor da Cidade, o mundo não tem mais sentido. Afinal quanto custa hoje ascender ao Paraíso?

Referências

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BASBAUM, Ricardo. Além da pureza visual. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DAHMEN, Silvio Renato. O Cientista filósofo. In: Filosofia, Ciência & Vida. São Paulo: Editora Escala, ano I, número 4, 2007.

FERREIRA, Ricardo Bruno. Galileu e a sua importância epistemológica. Revista Spectrum. Disponível em: www.ipv.pt/millennium/Millennium29/23.pdf. Acesso em 05 jul 2007.

HOME, Stewart. Manifestos neoístas: greve da arte. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

IGEL, Regina. Osman Lins, uma biografia literária. São Paulo: T.A Queiroz; Brasília: INL, 1988.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2000.

LINS, Osman. Avalovara. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Notas

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. www.ufrj.br

² Não caberia aqui uma maior apresentação da estrutura de Avalovara, para os interessados existem algumas sugestões na bibliografia no final do artigo.

³ As ideias filosófico-literárias de Abel estão concentradas na parábola A viagem e o Rio, num dos capítulos de Avalovara, mas também não são motivos neste pequeno texto.

⁴ Regiões essas esboçadas por mim, de acordo com os movimentos das duas personagens.

⁵ Entendendo aqui essa fuga do equilíbrio pela ótica de Ilya Prigogine. Para mais ver bibliografia.

⁶ Continuo sobre a ótica de Ilya Prigogine.

⁷ Movimentos que surgiram nas décadas de 80 e 90 das migalhas das antigas vanguardas, numa nova tentativa já sem a mesma força.